

**ESTRATÉGIAS DE ‘SOBRE-VIVÊNCIA’ METODOLÓGICA NA VIAGEM INVESTIGATIVA PARA A CIÊNCIA NO MUNDO NOVO: DIMENSÃO TRAMA, CARTOGRAFIA DOS SABERES E MATRIZES RIZOMÁTICAS**

***ESTRATEGIAS METODOLÓGICAS DE ‘SOBRE-VIVIR’ EN EL VIAJE INVESTIGATIVO A LA CIENCIA EN EL NUEVO MUNDO: DIMENSIÓN DE LA TRAMA, CARTOGRAFÍA DE LOS SABERES Y MATRICES RIZOMÁTICAS***

***METHODOLOGICAL ‘SURVIVAL’ STRATEGIES IN THE INVESTIGATIVE JOURNEY TO SCIENCE IN THE NEW WORLD: WEAVE DIMENSION, CARTOGRAPHY OF KNOWLEDGES AND RHIZOMATIC MATRICES***



Maria Luiza Cardinale BAPTISTA<sup>1</sup>  
e-mail: malu@pazza.com.br



Jennifer Bauer EME<sup>2</sup>  
e-mail: jbauer.eme@gmail.com

**Como referenciar este artigo:**

BAPTISTA, M. L. C.; EME, J. B. Estratégias de ‘sobre-vivência’ metodológica na viagem investigativa para a ciência no mundo novo: Dimensão trama, cartografia dos saberes e matrizes rizomáticas. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 18, n. 00, e023042, 2023. e-ISSN: 1982-5587. DOI: <https://doi.org/10.21723/riaee.v18i00.18206>



| Submetido em: 30/05/2023  
| Revisões requeridas em: 15/06/2023  
| Aprovado em: 29/06/2023  
| Publicado em: 07/07/2023

**Editor:** Prof. Dr. José Luís Bizelli  
**Editor Adjunto Executivo:** Prof. Dr. José Anderson Santos Cruz

<sup>1</sup> Universidade de Caxias do Sul (UCS), Caxias do Sul – RS – Brasil. Professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade da Universidade de Caxias do Sul. Coordenadora do Amorcomtur! Grupo de Estudos e Produção em Comunicação, Turismo, Amorosidade e Autopoiese (CNPq-UCS). Doutorado em Ciências (ECA-USP). Estágio Pós-doutoral no Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura do Amazonas (PPGSCA-UFAM).

<sup>2</sup> Universidade de Caxias do Sul (UCS), Caxias do Sul – RS – Brasil. Integrante do Amorcomtur! Grupo de Estudos e Produção em Comunicação, Turismo, Amorosidade e Autopoiese (CNPq-UCS). Mestrado em Turismo e Hospitalidade pelo Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade (PPGTURH-UCS).

**RESUMO:** Texto ensaístico sobre estratégias metodológicas qualitativas de 'sobre-vivência' nas 'viagens investigativas'. O pressuposto 'viagem investigativa' convida a refletir sobre o universo investigativo do Turismo, como sinalizador potente para a compreensão da Ciência para o Mundo Novo. Como substrato teórico: compreensão de Mutação da Ciência; alinhamento com Ecologia de Saberes, Esquizoanálise, Ecologia Profunda, Visão Ecosistêmica e orientação Matrística. A Cartografia dos Saberes é uma orientação estratégica para a produção investigativa, plurimetodológica, processual e rizomática, composta pelas trilhas: Trama dos 'Entrelaços Nós da Pesquisa', Saberes Pessoais ou Dimensão Subjetiva, Trama Teórico-Conceitual-Bibliográfica, Usina de Produção ou Trama dos Fazeres e Dimensão Intuitiva da Pesquisa. A trama de fazeres e saberes científicos deve estar a serviço da reinvenção da vida e, neste sentido, dos modos de 'sobre-vivência', mais do que apenas de 'vivência'. As Matrizes Rizomáticas demonstram a coerência da trama e o refinamento da compreensão das conexões e derivações na Viagem Investigativa.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ciência. Turismo. Metodologia. Cartografia dos Saberes. Matrizes Rizomáticas.

**RESUMEN:** *Texto ensayístico, sobre estrategias metodológicas qualitativas de "sobre-vivir" en "viajes investigativos". El supuesto "viaje investigativo" invita a reflexionar sobre el universo investigativo del Turismo, como signo poderoso para la comprensión de la Ciencia para el Mundo Nuevo. Como sustrato teórico: comprensión de Mutación de la Ciencia; alineación con Ecología del Conocimiento, Esquizoanálisis, Ecología Profunda, Visión Ecosistémica y orientación Matrística. La Cartografía de los Saberes es orientación estratégica para la producción investigativa, multimetodológica, procesal y rizomática, compuesta por pistas: 'Entretejemos la Investigación', Saberes Personales o Dimensión Subjetiva, Teórico-Conceptual-Bibliográfica, Trama de Producción o Trama de Hechos y Dimensión Intuitiva de la Investigación. La trama de los Saberes y Conocimientos científicos debe estar al servicio de la reinvencción de la vida y, en este sentido, de las formas de "sobre-vivir", más que de "vivir". Las Matrices Rizomáticas demuestran coherencia de la trama y refinamiento de comprensión de las conexiones y derivaciones en el Viaje Investigativo.*

**PALABRAS CLAVE:** *Ciencia. Turismo. Metodología. Cartografía de los Saberes. Matrices Rizomáticas.*

**ABSTRACT:** *Essayistic text, addressing qualitative methodological strategies of 'survival' in 'investigative travel'. The assumption 'investigative travel' invites to reflect on the investigative universe of Tourism, as a powerful sign for the understanding of Science for the New World. As a theoretical substratum: understanding of Science Mutation; alignment with Ecology of Knowledges, Schizoanalysis, Deep Ecology, Ecosystem Vision and Matristic orientation. The Cartography of Knowledges is a strategic orientation for the investigative production, composed by the trails: the 'Research Weave', the Personal Knowledges or Subjective Dimension, Theoretical-Conceptual-Bibliographical, the Production Plant or the Doing Trail and the Intuitive Research Dimension. The weave of scientific knowledge and know-how must be at the service of the reinvention of life and, in this sense, of the modes of 'survival', more than just 'living'. The Rhizomatic Matrices demonstrate the coherence of the weave and the refinement of the understanding of the connections and derivations in the Investigative Journey.*

**KEYWORDS:** *Science. Tourism. Methodology. Cartography of Knowledge. Rhizomatic Matrices.*

## Confluências e Reflexões Iniciais – Trilha de Saberes Pessoais

Ano de 2022. Início<sup>3</sup> este texto refletindo sobre a lógica recursiva do que tenho para contar aqui e do quanto o texto é resultado do que ele conta, da compreensão de que os fenômenos que estudamos são ‘tramas complexas’, de uma ampla Cartografia dos Saberes e da realização (e criação/construção) de Matrizes Rizomáticas, para a sistematização e o acionamento de estratégias de ‘sobre-vivências’ nas muitas viagens investigativas.

Falo desde uma trajetória que, neste momento, acumula 60 anos de vida, mais de 50 anos como estudante, 35 anos como pesquisadora, 32 anos como docente de Metodologia da Pesquisa em seis universidades brasileiras, com pesquisas apresentadas em eventos nacionais e internacionais, como resultado de parcerias e relacionamentos com pesquisadores de mais 15 países. Foram centenas de trabalhos orientados diretamente nas áreas de Comunicação, Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Relações Públicas, Design, Cinema, Turismo, Educação, Psicologia, Medicina, Sociedade e Cultura da Amazônia e Serviço Social, como professora de Metodologia, assim como outra centena de orientações em todos os níveis acadêmicos – doutorado, mestrado, especialização, graduação – em praticamente todas as áreas de saberes, como supervisora de textos e de processos de investigação, na direção e coordenação de uma empresa especializada em supervisão de textos acadêmicos, sediada em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, a Pazza Comunicazione. Supervisão do processo de escrita, que eu também chamo de ‘acolhimento do sujeito da escrita’, e que contribuiu e resultou, também, numa lógica recursiva, para a produção da Tese de Doutorado em Ciências, na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, no ano de 2000, sobre processos de escrita do jovem adulto como expressão da subjetividade e da relação com a trama comunicacional (BAPTISTA, 2000).

Nesse longo percurso de vida, pesquisa e orientações, encontrei muitas pessoas que se sentiam sem rumo, que se diziam perdidas na pesquisa e que se mostravam receosas diante dos imensos desafios da viagem investigativa, especialmente no que eu chamo hoje de ‘arquitetura e vislumbre da deriva’ das produções, buscando condições de compreender a dimensão trama, a composição complexa, marcada por múltiplos feixes transversais potentes, que vão dando

---

<sup>3</sup> A escrita em primeira pessoa do singular, ao longo do texto, corresponde à escrita de Maria Luiza Cardinale Baptista, responsável pela abordagem ensaística propositiva e autora das estratégias metodológicas Cartografia dos Saberes e Matrizes Rizomáticas. A outra autora, Jennifer Bauer Eme, responde, no texto, pelo compartilhamento das Matrizes Rizomáticas de sua pesquisa, como exemplo das proposições metodológicas de Baptista, amplamente conversadas no Amorcomtur! Grupo de Estudos em Comunicação, Turismo, Amorosidade e Autoipoiese.

singularidade para o fenômeno investigado. Quer dizer, eram pessoas que se sentiam perdendo o 'jogo da pesquisa', sem se dar conta de que pesquisa é um jogo de escolha múltipla e que, quando escolhemos algo para pesquisar, vamos compondo um foco de investigação, a partir de uma trama de elementos constituintes que nos leva para uma viagem investigativa. Essa viagem decorre de e, ao mesmo tempo, é uma viagem em busca de nós mesmos, em que resgatamos nossos saberes e os colocamos em movimento, acionando nossos querereres, nossos desejos de mais conhecimento.

Escolhemos foco de estudo, escolhemos autores, por vieses mais ou menos racionais, mas estamos o tempo todo a fazer escolhas e, em muitos momentos, a compartilhar essas escolhas com orientadores, parceiros de grupo de pesquisa e interlocutores os mais diversos, em eventos, aulas, seminários, etc. Ao final, no entanto, assinamos os textos e as pesquisas que produzimos e, nesse sentido, elas são antes de tudo resultado de nossas escolhas. Assim, no caminho, se prestarmos atenção, descobrimos a nós mesmos. Claro, a pesquisa é também uma viagem em direção ao mundo do Outro. Não pesquisamos apenas porque gostamos, mas porque entendemos que o foco de estudo, na sua condição/dimensão trama, tem relevância para outras pessoas, outros ecossistemas, outros universos existenciais, de preferência também para o Planeta, como a nossa Grande Casa, Gaia.

Muito cedo, eu descobri, na vida, os encantos das viagens de conhecimento. Tenho, às vezes, a impressão de que nasci com essa compreensão, porque desde sempre eu queria estudar, queria aprender, aprender a aprender. Ainda no interior de São Paulo, tinha menos de cinco anos e achava injusto que meus irmãos fossem à escola e eu não. Entendia que era algo importante de se fazer. De tanto insistir, consegui a autorização da mãe para ir à escola da fazenda onde morávamos, autorização para ir 'naquele dia'. Sentia-me importante. Sentia-me 'gente'. Nessas idas e vindas, tive o apoio do meu irmão mais velho, meu primeiro professor. Ele entendeu que eu queria aprender a ler e escrever, mesmo antes de estar na escola, me ajudou a começar, antes do período de início das aulas. Na prática, ainda não era tempo. Para mim, no entanto, já parecia tarde.

Por isso mesmo, com três dias de primeira série, fiz o exame e passei direto para o segundo ano. Desde sempre, eu estudava e me sentia transportada para outros mundos, outros tempos, passando por portais de conhecimento, encontrando seres de outros lugares, de outros mundos. Aprender me encantava e me fazia estabelecer relações e conexões de tudo com tudo. Aprender a aprender foi sendo sentido como meu desafio existencial, sendo sentido e vivido como a minha própria vida. Ainda hoje me lembro do espanto de olhar a água caindo da torneira

do bebedouro da escola, nos primeiros dias ‘oficiais’ de aula e o deslumbramento da questão que brotou em mim: “como a gente enxerga?”. Enquanto olhava para as gotas d’água caindo apressadas no ladrilho branco quadriculado do bebedouro do Grupo Escolar de Guarantã, eu pensava: como estou vendo? Como meus olhos enxergam? O que acontece, dentro de mim, que me faz ver? Anos mais tarde, me encontrei com a mesma pergunta, nos Seminários da Escola Matristica, nas reflexões apresentadas por meu professor, já falecido e ainda tão presente em mim, Humberto Maturana. Fico refletindo que, em certo sentido, passei a vida tentando entender como eu enxergo o que enxergo, que processos se desencadeiam para que eu – e os pesquisadores e clientes que eu oriento – enxergue o que eu vejo do mundo, dos universos investigados.

Foi assim que o processo de aprendizagem ocorreu em mim, de forma tão intensa que, quando adulta, já no Curso de Jornalismo (1982-1986), na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, me deparei com a possibilidade de pesquisar e senti que algo se compunha com minha pulsação, com minha respiração, com meu jeito de ser e estar no mundo. Entendi que ser esse sujeito que busca, que quer saber mais, quer saber profundo e quer entregar para o mundo era o meu caminho de vida, minha lógica Cajuína, como eu costumo dizer, refletindo sobre o verso do Caetano Veloso: “existirmos, a que será que se destina?”. Ainda é e penso que vai seguir sendo meu sustento existencial, em sentidos vários. Naquele momento, sob a orientação da pesquisadora e professora Maria Helena Weber, na Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, em um percurso de aprendizagem chamado Comunicação Comparada, fiz minha primeira pesquisa acadêmica, sobre as telenovelas e seus aspectos subjetivos, sociais e políticos.

Apaixonada pelas lidas do Jornalismo, da práxis de produção das redações, anos mais tarde, me vi, no Mestrado, deliberadamente apaixonada pelas aulas de Metodologia, da Professora Dra. Maria Immacolata Vassalo de Lopes, na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Durante as tardes de suas aulas, ela ia abrindo um mundo de reflexão sobre a relevância da Metodologia como dispositivo de realização dos desejos de investigação. Explicou também sobre o caráter intrínseco do poder da Metodologia, com sua história, contada entre outros autores que indicou, como Ramiro Beltrán (1981). Este autor ensinou a pensar as fases de desenvolvimento da pesquisa, mostrando que a história da pesquisa na América Latina é uma história também de luta para superar os paradigmas impostos pela Norte-América, com ‘forte impacto’ funcionalista e de subordinação teórico-metodológica aos modelos pré-fabricados em outros territórios, territórios não nossos, territórios sempre com sede de dominação. As exigências, diante de financiamentos e oferecimentos de subsídios para as

investigações, eram, no sentido de que os dados fossem 'entregues' em primeiro lugar, o que criava condições de uma lógica, que fui entendendo e questionando ao longo da vida: 'conhecer para dominar'.

Assim, os estudos e os métodos estatísticos e psicossociológicos ajudavam a entender o Brasil e a América Latina como um todo, para depois 'dominar' o mercado de consumo emergente e potente, pela grandiosidade numérica da nossa população e nossas riquezas ambientes, econômicas, culturais, etc. Eu fui entendendo, então, que a Metodologia é a chave do cofre, em muitos sentidos. É a chave do tesouro da pesquisa, em sentido material, simbólico, emocional, de possibilidade de retorno dos investimentos desejantes realizados; por isso é guardada como relíquia, em pesados compartimentos acadêmicos, visíveis apenas parcialmente e invisíveis na sua amplitude, protegidos por nebulosas discursivas, que têm a função de assustar os pesquisadores iniciantes e dizer-lhes: "Não. Isso não é científico. Não, está incorreta a Metodologia. Não, você não pode fazer isso. Não, isto não tem valor". Em outras palavras, o que está sendo dito, muitas vezes, para quem ousa tentar se iniciar na pesquisa é: "Você não tem valor! Você ainda não está pronto! Você não domina metodologia". A boa notícia que trago é: "Ninguém domina Metodologia!". Sim, porque a Metodologia é 'indominável', não é passível de ser dominada, porque Metodologia é estudo dos caminhos da viagem investigativa, e os caminhos são inscrições de processos que se fazem em decorrência do acontecimento, em um *continuum* caminhar na investigação, na 'ação de investir em busca de conhecimento', como eu gosto de me referir. Assim como é inerente à viagem, temos saberes e vislumbres, quando saímos de casa, mas não sabemos, ao certo, o resultado da viagem. E a graça está justamente nessa processualidade, no caráter inusitado e envolvente do processo de desterritorialização desejante, que é acionado no início de qualquer viagem, também das viagens acadêmicas. Os caminhos são *inscriacionais*, usando um termo que criei no doutorado. Vão sendo inscritos, criados, ao mesmo tempo em que acionam mundos de devires, do que deve vir a ser. Assim é na viagem investigativa e na vida.

O contrário disso, a hiper proteção rígida e axiomática dos caminhos e descaminhos possíveis da pesquisa é coerente com o paradigma científico decorrente do que se convencionou chamar de Revolução Científica – final do século XVI e início de século XVII. Há muitos anos venho refletindo sobre os limites do caráter reducionista, mecanicista e cartesiano da Ciência Clássica, também venho buscando abrir novas estradas, novas potencialidades de caminhares, para tornar a viagem mais agradável, menos rígida, mais poética – com potência autopoietica, para sujeitos e lugares – e desse modo, para envolver mais e mais pesquisadores no desejo e na

alegria que é ser pesquisador e na possibilidade de vir a ser cientista. Nesse mesmo sentido, passei a minha vida lutando para desmitificar a Metodologia e desmistificar também, criando acessos para pesquisadores iniciantes, desde a graduação, e auxiliando pesquisadores mais experientes, ao nível da pós-graduação, a fazerem as pazes com os saberes metodológicos e a construir, assim, seus próprios caminhos e as possibilidades de relatos de suas viagens investigativas.

Há muitas histórias, nesse sentido, que acumulei na caminhada. Pelas proporções deste texto, não é possível contá-las. Sigo, então, para a segunda trilha da Cartografia dos Saberes, uma das estratégias metodológicas que proponho e que, aqui neste texto, revisito e reviso. A próxima trilha corresponde à abordagem das conversações com autores, com a sistematização da confluência de linhas teórico-conceituais-bibliográficas, para a produção da viagem investigativa.

Ressalto que este texto também é resultado de muitas ‘com-versações’ Amorcomtur!, especialmente de nossos encontros semanais, denominados Encontros Caóticos, considerando o caos em sua potência de agenciamento de criação. A revisão da Cartografia dos Saberes e das Matrizes Rizomáticas foi levada para o encontro e refletida pelos pesquisadores. Assina comigo este artigo uma pesquisadora Mestra em Turismo e Hospitalidade, que, entre tantos, vem ajudando a consolidar os estudos Amorcomtur. Amorosa e cumplicemente, ela aceitou o desafio de adaptar as matrizes rizomáticas anteriores de sua pesquisa, para as do momento atual. É esta a sua contribuição no texto. O ensaio tem caráter autoral e é escrito em primeira pessoa do singular, mas compreendo que minha fala é transversalizada pela fala de muitas pessoas, especialmente de meus orientandos e de autores que também se tornaram ‘companheiros de viagem investigativa’.

### **Trama Teórico-Conceitual-Bibliográfica da Pesquisa**

Neste ponto, apresento a trilha trama de saberes teórico-conceituais-bibliográficos, no reconhecimento de que meus saberes, minhas proposições, são derivações de muitas ‘com-versações’ na vida, com seres outros, inscritos e muito vivos em mim, que produziram transformações significativas, marcantes, com relação ao sentido da vida e da pesquisa. Não há como relatar todos os encontros, nem mesmo ‘abrir as trilhas’. Escolho, em coerência com o foco do texto, alguns sinalizadores inerentes às trilhas que vão da abordagem epistemológica à

dimensão teórica, metódica e técnica, trazendo aqui algumas orientações dessa confluência trama que dá sustentação ao texto.

Como substrato gerador das reflexões, em termos de trilhas teóricas, há a compreensão de **Mutação da Ciência**, evidenciada desde o século passado (CAPRA, 1997; CAPRA; LUISI, 2014); a **Visão Holística** (CREMA, 1989); o alinhamento com **Ecologia de Saberes**, de Santos (2019); de **Complexidade e Religação de Saberes**, de Morin (1991); de **Esquizoanálise**, de Deleuze e Guattari (1995); **Visão Ecosistêmica**, de Monteiro e Colferai (2011); **Saberes Indígenas**, de Krenak (2019) e Werá (1998); e **Orientação Matrística da Biologia Amorosa e Cultural** de Maturana (1998), Maturana e Varela (1997), e D'Ávila e Maturana (2015), com atenção para demandas e desafios na produção de conhecimento no Mundo Novo. Nesse sentido, a produção ensaística orienta-se pela epistemologia ecosistêmica complexa, holística, de religação de saberes, não apenas do universo científico tradicional, mas do grande universo de saberes que se entrelaçam nos ecossistemas investigados, considerando também as sabedorias ancestrais e de populações tradicionais.

Mais detidamente do Turismo, nesses mais de 10 anos, em conversações com autores, pesquisadores, há já uma série de diálogos, no sentido de aberturas para um novo turismo possível (GASTAL; MOESCH, 2007), confluências de sensibilidades reflexivas, das quais destaco, especialmente, o encontro com o pensamento de Moesch (2004), com quem percebo transversalizações para a compreensão dos ecossistemas turístico-comunicacionais-subjetivos.

**Trama de saberes.** Este é o pressuposto da visão ecosistêmica complexa holística, que orienta este trabalho e meus estudos como um todo, também como proposição para a Ciência do Mundo Novo. Assim, neste ponto das considerações reflexivas, abordo a configuração da trama teórico-bibliográfica das minhas pesquisas e as do grupo que coordeno, o Amorcomtur!, com ênfase na configuração desta trilha, que diz respeito ao substrato teórico deste texto. Nesse sentido, resalto a **dimensão trama**, como sinalizadora de complexidade, que demanda a criação de estratégias plurais, processuais e de esmero de sistematização, em termos de orientações nos caminhos e descaminhos da pesquisa.

Outro pressuposto é o da **'viagem investigativa'** que apresentei em meus estudos há muito tempo, envolvendo a **dimensão intuitiva da pesquisa**, quando, muito antes de conhecer a Amazônia, já dizia aos estudantes de Comunicação Social da Universidade de Taubaté (anos 1990-1991) e da Universidade Luterana do Brasil (1992-2002) que fazer pesquisa é fazer uma viagem na floresta. Mais tarde, em 2010, quando fui pela primeira vez para Manaus, para uma palestra aos estudantes da Universidade Federal do Amazonas, a respeito de meus estudos sobre



metodologia, pude me questionar sobre como havia surgido essa ideia, se eu nunca tinha viajado na floresta. A imensidão do encontro com a floresta, no entanto, as múltiplas confluências entre sentires e saberes com o ecossistema todo, me fez entender que eu havia pressentido algo potente sobre a relação entre a pesquisa e a viagem, entre os caminhos e descaminhos, entre o enfrentamento de nós mesmos, o encontro com nossas feras, nossas flores e seres internos, também sobre o risco dos despenhadeiros internos, os lamaçais, a areia movediça, o risco de sermos engolidos por nossos próprios bichos ou por outros, na selva feroz do meio acadêmico. Trata-se de algo que convida a refletir sobre o universo investigativo do Turismo, como sinalizador potente para a compreensão da Ciência para o Mundo Novo, o que eu venho tratando, em Língua Portuguesa, como Mundo N'Ovo, o Mundo no Ovo, o Mundo que está sendo gerado por nós todos, também na Educação e na Ciência.

E a propósito do Mundo Novo, é importante compreender que os pressupostos aqui envolvem as grandes transmutações, não somente da Ciência, mas da Episteme que torna (deve vir a tornar, ao menos) a vida possível na terra. A primeira sinalização, nesse sentido, foi possível, para mim, a partir do encontro com o pensamento de autores como Fritjof Capra (1997), Capra e Luisi (2014), Roberto Crema (1989), James Lovelock (1991), incentivada pela discussão da linha da pesquisa Epistemologia do Jornalismo, na Escola de Comunicações e Artes, da USP, em percursos de aprendizagem e seminários com os professores Edvaldo Pereira Lima e Cremilda Medina. A principal mutação, em mim, envolvia a compreensão amplificada de Ciência, também com conexões com possibilidades de aberturas para a sensibilidade, a arte, a poética, a subjetividade, a intuição, o que se mostrava, para mim, cada vez mais encantador. É dessa época também o contato com a Física Quântica e o vislumbre das mutações da Ciência, em reconexão com saberes arcaicos e com a Espiritualidade (CHOPRA, 1994; GOSWAMI, 1993). Em paralelo, vivi o encontro com Restrepo (1998), indicado pela professora Cremilda Medina, com o convite à reconexão com ternura, na vida cotidiana, no trabalho e na Ciência; a reconexão com os Fragmentos do Discurso Amoroso, de Roland Barthes (1977); assim como o encontro com a noção de amor de Humberto Maturana, que ensina que o amor é o reconhecimento do outro como legítimo outro na convivência.

### **Estratégias Metodológicas Cartografia dos Saberes e Matrizes Rizomáticas**

Com o propósito de apresentar Estratégias de 'Sobre-Vivência' Metodológica na Viagem Investigativa para a Ciência no Mundo Novo, foram apresentadas, até aqui, as

primeiras confluências, com a Trilha dos Saberes Pessoais ou Dimensão Subjetiva da Pesquisa, seguida da Dimensão Trama, com as Trilhas Teórico-Conceituais-Bibliográficas, apenas sinalizadas, pelas proporções deste texto. Seguimos, agora, para a apresentação da revisão da Cartografia de Saberes e Matrizes Rizomáticas, como estratégias metodológicas autorais. Ambas resultam da vida toda, mas sua expressão teve momentos especiais em alguns textos e produções. Em 2014, publiquei o artigo Cartografia dos Saberes da Pesquisa em Turismo, na Revista Rosa dos Ventos, em que apresentava uma associação da proposta estratégica metodológica, aos estudos do Turismo (BAPTISTA, 2014). Depois disso, muitos artigos trouxeram a Cartografia, seja como proposição acoplada à reflexão epistemológica, seja como estratégia metodológica de escolha em pesquisas empíricas realizadas.

O que apresento abaixo é uma proposição que mantém o caráter de orientação subjetiva plural, para a produção investigativa, com alguns detalhes alterados, em relação à proposição original de quatro trilhas investigativas: Saberes Pessoais, Saberes Teóricos, Laboratório de Pesquisa ou Usina de Produção, Pensamentos Picados ou Dimensão Intuitiva da Pesquisa. Ressalto, aqui, que as denominações mais informais, inicialmente, estavam relacionadas ao desejo de dialogar com estudantes de Graduação, com quem eu trabalhava mais diretamente, no início da minha carreira como docente de Metodologia da Pesquisa. A seguir, a Nova Cartografia dos Saberes, sempre em processo. Esta é datada de maio de 2022.

### **Cartografia dos Saberes**

A Cartografia dos Saberes é uma orientação estratégica plurimetodológica para a produção investigativa. A denominação Cartografia dos Saberes está inspirada na noção de cartografia apresentada por Suely Rolnik, no livro Cartografia Sentimental, em que ela propõe a cartografia como recurso para o estudo de processos psicológicos do universo feminino (ROLNIK, 1989). Segundo ela, a cartografia é uma espécie de mapa que se faz acompanhando a mudança da paisagem. Essa ideia, por si só, confere coerência entre o uso da cartografia como estratégia metodológica, para pesquisas orientadas pela lógica processual, complexa e holística. Trata-se de dispositivo interessante para estudar universos em transmutação, fenômenos em seu processo natural de mudanças e alterações, em uma dinâmica contínua de autoprodução. A criação da Cartografia dos Saberes teve como proposta orientar a operacionalidade do trabalho em sistemas em caosmose (caos-osmose-no cosmo), o que caracteriza a maioria dos fenômenos

estudados. A composição da Cartografia como Cartografia dos Saberes remete à ideia de multiplicidade de saberes transversais, entrelaçados na composição dos nós de pesquisa.

A Cartografia se operacionaliza por trilhas simultâneas, consideradas em sua dinâmica de produção em contínuo processo. Há uma trilha inicial, que se transforma em sinalizadora para as outras, que são acionadas simultaneamente. Trata-se da **Trilha Trama dos ‘Entrelaços Nós da Pesquisa’**, que identifica os ‘nós’ investigativos, os focos de trilhas investigativas a serem perseguidas. A estratégia metodológica considera o caráter subjetivo e autoral do pesquisador, sua história, suas inquietações e buscas, na **Trilha dos Saberes Pessoais ou Dimensão Subjetiva**, em associação a vários outros saberes, em três outras trilhas. A **Trilha Trama Teórico-Conceitual-Bibliográfica** é o *phylum* investigativo que possibilita realizar encontros com os saberes dos outros, em coerência e alinhamento derivativo dos núcleos de significação do foco de estudo, os ‘entrelaços nós da pesquisa’. Na **Trilha Usina de Produção ou Trama dos Fazeres**, há o universo dos fazeres investigativos, em aproximações e ações, com seu caráter de inscrição – inscrição, criação e acionamento de devires – atendendo à singularidade e à complexidade dos universos ecossistêmicos investigados. Em associação, com caráter simultâneo, espontâneo e constante, há a **Trilha Dimensão Intuitiva da Pesquisa**, reconhecendo que o conhecimento se produz no entrelaçamento de universos potentes, envolvendo as dimensões materiais e imateriais, em coerência com o fato de que a pesquisa é, ela mesma, um universo vivo e transmutante. Vamos, então, refletir um pouco a respeito de cada uma delas.

**Trama dos ‘Entrelaços Nós da Pesquisa’** – que corresponde aos nós investigativos, às trilhas investigativas que sintetizam o universo investigado. Eu estou pensando aqui em nós, inspirada em Ilya Prigogine, na proposição da existência de nós de confluência e nós de passagem. São ‘pontos que concentram’, no nosso caso, palavras ou expressões que sintetizam trilhas investigativas, devires, sinalizadores de passagem para o que queremos dizer. Assim, o reconhecimento da pesquisa passa pela identificação do que estamos entrelaçando, no reconhecimento de uma problematização a ser investigada.

Há uma dinâmica para reconhecimento e tratamento reflexivo dos ‘entrelaços nós’ da pesquisa. Há muitos anos, criei o Jogo dos Balões, em um exercício prático, que remete ao lúdico do universo das crianças, mas também se associa às lógicas matemáticas da Teoria dos Conjuntos e da fluência inerente à condição natural e espontânea de entrelaçar balões e fios e reconhecer seus encantos e nossas preferências, em relação a eles. Na prática do jogo, pensamos e desenhamos, quando possível, seis balões. Em cada balão escrevemos uma palavra

relacionada à pesquisa. Olhamos, refletimos. Podemos numerar os balões, pensando em prioridades e sequência. Qual vem depois de qual? Qual é mais importante para nós? Então, temos que escolher três balões para 'jogar fora'. É com frequência uma decisão difícil, porque escolher as seis palavras já é um exercício de filtragem, no grande universo de palavras disponíveis, para escrever a frase-síntese do foco da pesquisa. A dinâmica, no entanto, convida a ficarmos com três palavras que representem a síntese da síntese, o essencial, o que não se pode descartar, de modo algum, para garantir que permaneça o grande nó de significação da pesquisa que estamos realizando.

Não sabemos que sabemos onde está o nó, mas, com frequência, vamos aos poucos percebendo que a dinâmica, por mais singela que pareça, nos ajuda a trazer à tona a consciência do saber, a grande pista, o grande nó sinalizador. Nesse sentido, temos que nos empenhar em saber, até mesmo, qual seria 'a palavra', se tivéssemos que escolher apenas uma. Qual palavra seria suficiente, para expressar nossa pesquisa? Eis a questão avassaladora. Na composição com três palavras, o cerne do estudo tem que ser dito. Este exercício é didático-pedagógico, remexe o pesquisador por dentro de seus desejos, seus pensamentos, seus saberes, suas reflexões prévias e suas intuições de devires. É fundamental para o convite, na sequência, que é compreender que as seis palavras vão coabitar uma frase de apresentação do Foco de Estudo – geralmente chamada pelos pesquisadores de objeto de estudo, mas que eu proponho chamar foco ou, ainda mais apropriadamente, delineamento, porque percebi, nesses anos de pesquisa e orientação, que, de fato, não se trata de 'objeto' e que a própria denominação de objeto está vinculada a uma lógica paradigmática da Ciência resultante da Revolução Científica, final do século XVI e início do século XVII. Diferentemente da orientação clássica, a pesquisa é viva, o universo investigado é vivo, pulsante, mutante, autopoietico e gerador de novas brotações, assim como agenciador de novos percursos investigativos. Isso é o mais desafiador e encantador dos processos de investigação e que torna incoerente chamar a trilha principal escolhida para a viagem investigativa de 'objeto de estudo'.

**Saberes Pessoais ou Dimensão Subjetiva** – aqui está em pauta o caráter subjetivo e autoral do pesquisador, sua história, suas inquietações e buscas. Ninguém começa uma pesquisa 'do nada'. Ao contrário, o que nos move são saberes acumulados em entrelaçamento com sentires íntimos, que possibilitam responder à questão emblemática que faço reiteradamente a todo pesquisador Amorcomtur! e que se consulta comigo na minha empresa Pazza Comunicazione: “O que te importa? Como consequência: o que te importa nesse universo de investigação? O que te interessa? Qual a relação que você tem com esse assunto?” O exercício

de responder a essas perguntas e produzir textos ‘jorrados’, resultantes de escrita espontânea, conforme as ideias vão brotando em nós, produz pistas essenciais para as escolhas no percurso. O pesquisador precisa saber o que está buscando com essa viagem investigativa. Saber de dentro de si mesmo, de suas derivas existenciais. E isso acontece com pesquisadores em todas as dinâmicas e níveis acadêmicos – da iniciação científica ao doutorado ou pós-doutorado.

A dinâmica desta trilha é se questionar, refletir, sentir, deixar vir a informação e inscrever, escrever, sem julgar. O pesquisador deve ir escrevendo textos, sem questioná-los, sem se preocupar com normas ou regras. O trabalho aqui é escrever para si mesmo, para saber o que se sabe e se pensa sobre os focos sinalizados pelos ‘balões’, os ‘entrelaços nós’ da pesquisa. Escrever e, depois, conversar com os colegas do grupo de pesquisa e com a orientadora ou orientador.

**Trama Teórico-Conceitual-Bibliográfica** – nesta trilha, a proposta é reconhecer que o que sabemos resulta de entrelaçamentos com outros seres que sabem, pensam, sentem, escrevem e, alguns deles, elaboraram teorias (explicações sobre o ‘teor’, o sentido das confluências significações dos universos), seres que refletiram profundamente, investigaram e chegaram a cristalizar expressões-síntese desses pensamentos, os fluxos teóricos, as trilhas teóricas e os conceitos, que são essas cristalizações-síntese. Além disso, há produções bibliográficas que nos dão informações que, reunidas, ajudam a provocar as reflexões e encontrar sinalizadores de pesquisa. Nem sempre essas informações são conceitos ou teorias, mas, como dado, como registro bibliográfico, compõem a trama teia de informações que obtemos a partir da ‘fala do outro’. São necessários registros e sistematizações dessas ‘conversações’ com seres outros.

Em termos operacionais, o pesquisador deve reconhecer a trama das trilhas teórico-conceituais-bibliográficas e organizar sua sistematização. Isso passa por abrir pastas com uma palavra-síntese da trilha, onde serão arquivados textos-base encontrados, textos produzidos a partir das leituras destes textos-base, quadros demonstrativos que expõem a correlação entre as teorias, os conceitos, os autores, os dados bibliográficos encontrados. O segredo é sempre o cuidado com a sistematização. Não adianta ler muitos textos, apenas. É preciso refletir e organizar o que está sendo lido e criar desenhos, matrizes cognitivas, que demonstrem a relação entre eles. Estes desenhos podem ser quadros demonstrativos lineares (contanto que o pesquisador entenda que tudo é fluido, transmutante, vivo e que, nesse sentido, pode ser revisado a qualquer momento). Podem ser também desenhos mais criativos e complexos, como expressões fractais, que demonstrem a coerência epistemológica entre o pressuposto de

complexidade, a dimensão trama e a expressividade. Depende da possibilidade de criação dessas figuras e, também, do desejo de comunicar com públicos diversos. Não vejo problemas em usar alguns elementos de linearidade para estabelecer 'pontes de conversa' com pesquisadores de outras visões paradigmáticas.

**Usina de Produção ou Trama dos Fazeres** – aqui temos a síntese da pulsação da pesquisa, em produções resultantes de aproximações e ações investigativas. Em uma aproximação com o linguajar tradicional, posso dizer que, na Usina de Produção, escolhemos os procedimentos de pesquisa, decidimos como operacionalizar o uso desses procedimentos, considerando estudos anteriores, a história desses próprios procedimentos e a coerência de acoplamento com as demandas das trilhas investigativas resultantes dos 'entrelaços nós', os 'subtemas' da pesquisa, também aqui para usar um termo que dialogue com o linguajar tradicional.

Tenho trabalhado com a divisão da Usina de Produção em aproximações e ações investigativas. As aproximações são ações preliminares, de encontro com o universo investigado 'de peito aberto', sem grandes pressuposições, a não ser o trabalho sensível, constante de reconhecimento dos saberes pessoais subjetivos do pesquisador e seus entrelaçamentos. Quer dizer, toda e qualquer aproximação vai sendo decidida 'na lida', mesclando as pistas iniciais dos saberes dos pesquisadores, o entrelaçamento com os saberes teórico-conceituais-bibliográficos e, claro, a dimensão intuitiva da pesquisa, que transversaliza todas as trilhas.

A lógica aqui é que o pesquisador parte para o campo, para a dimensão operacional da pesquisa, escolhendo alguns 'fazeres possíveis', mesmo que ainda esteja em uma fase inicial. As aproximações, então, são fazeres da pesquisa, modos de aproximações do universo, para ajudar a pensar, refletir, sentir, conhecer profundamente. Podem ser realizadas com procedimentos tradicionais, qualquer um deles, quantitativo ou qualitativo, ou podem ser acionadas a partir de procedimentos criados especialmente para a pesquisa em andamento, em coerência às singularidades dos universos investigados. Já as ações investigativas também são procedimentos, que seguem a mesma lógica de utilização de procedimentos tradicionais e criados especialmente para a pesquisa, mas são decididas já em um momento de certo amadurecimento do percurso da investigação em que se vislumbra, mais claramente, o fluxo das águas da pesquisa entre os objetivos específicos e as ações necessárias para que eles sejam atingidos. Elas com frequência são decorrências das aproximações, de algumas delas ou de confluência entre várias.

Vale dizer que as aproximações investigativas, na Ciência Tradicional, vêm sendo trabalhadas como algo próximo a sondagens ou pré-testes. A diferença é que, na visão ecossistêmica complexa holística, essas aproximações não passam por planejamentos rigorosos, mas atendem à lógica natural e espontânea da aproximação sensível, cuidadosa, reflexiva, autorreflexiva, em busca das pistas sinalizadoras dos fios e amarras, que demonstram o fluir natural da investigação.

**Dimensão Intuitiva da Pesquisa** – considero que a intuição é uma espécie de fio invisível que costura a vida e a pesquisa, orientando-nos para percursos mais relacionados com nossos sentires íntimos e nossa visão do mundo, também dos fenômenos que investigamos. Na sua condição de imaterialidade, de brotação espontânea, a intuição é sinalizador potente, que demonstra a confluência da pesquisa, em direções que nem sempre percebemos com a mente de superfície, com a consciência na sua movimentação de sistemas codificados, justamente porque as configurações da consciência, também chamada mente de superfície, são produzidas como resultante de um longo, profícuo e árduo trabalho de configuração do universo simbólico. Esse universo, por sua vez, se produz nos múltiplos acoplamentos subjetivos e com os nichos ecológicos, que vão configurando cristalizações de valores, critérios de validação, conceitos, proibições, medos, limitações. O mundo da intuição é livremente conectado com os universos potentes em transmutação, sem as amarras dos axiomas. Trata-se, portanto, de uma dimensão de incrível potencialidade criativa e de conexões com informações ainda não acessadas pela consciência. Por isso mesmo, toda vez que ela se manifesta, rapidamente o pesquisador deve registrar a ideia e ou sentimento, escrever, sem julgar (até porque o julgamento seria feito por instâncias doutrinadas na consciência, que tantas vezes nos impedem de ousar, de saltar, de fazer mergulhos mais profundos no universo caosmótico da pesquisa).

### **Matrizes Rizomáticas**

As Matrizes Rizomáticas são uma estratégia metodológica de sistematização e foram criadas para ajudar o pesquisador a verificar a coerência interna da pesquisa e as inflexões, os direcionamentos do processo durante e depois de concluída a investigação. A denominação decorre do entendimento de ‘matriz’ como lugar gerador da vida, do que decorre a proposição de que as matrizes expressam os lugares geradores da vida da pesquisa. A complementação rizomática está associada ao conceito de rizoma, de Deleuze e Guattari (1995), que propõem o rizoma, a partir da transposição da significação da Botânica, como uma espécie de raiz de

crescimento irregular e brotações espontâneas sem simetria e regularidade. Desse modo, as Matrizes Rizomáticas são sistematizações dos 'lugares geradores da pesquisa', observando os rumos, as inflexões em suas irregularidades e fluidez, em brotações que se formam, constituem nós, que se desdobram em novos fluxos até a confluência e formação de novos nós, que dão passar para novos fluxos... até chegar em novos nós, e assim sucessivamente. Essa ideia também se alia ao pensamento de Ylia Prigogine, que, desde a Química, propôs o estudo de estrutura dissipativas, com o reconhecimento de nós de confluência e nós de passagem.

O que eu percebo é que a pesquisa se faz também em nós de confluência e nós de passagem. Há pontos a serem observados e reconhecidos de modo singular, assim como é preciso observar, entre esses nós, a coerência e lógica, porque eles são sinalizadores do rumo dos acontecimentos na investigação, às vezes surpreendendo até mesmo o pesquisador. A seguir, apresento a imagem original das matrizes rizomáticas, cuja visualidade corresponde a uma vista aérea dos rios amazônicos. Demorei bastante tempo buscando essa imagem, porque queria algo que expressasse que a pesquisa é um percurso de viagem investigativa, que se produz em dinâmicas de vida, assim como a viagem em si. Trata-se de um processo em que se sobressai à lógica processual, complexa, de desdobramento de acontecimentos em uma dinâmica contínua de acoplamentos e transversalizações. Diga-se de passagem, isso que acabei de dizer é algo muito próximo da descrição de Humberto Maturana sobre os processos da vida e da autoprodução dos organismos vivos, de autopoiese e não por acaso. Quer dizer, a pesquisa é uma dinâmica viva! Por isso mesmo, muitas vezes os pesquisadores se perdem, especialmente se tentarem aprisionar essa dinâmica em dogmas e axiomas.

A proposição das Matrizes Rizomáticas foi apresentada como uma primeira sistematização de minhas reflexões e proposições estratégicas de sistematização, no Seminário ANPTUR (BAPTISTA, 2017). Posteriormente, elas foram publicadas em capítulo de livro na Índia (BAPTISTA, 2020) e vem fazendo parte de muitos estudos realizados pelo grupo de pesquisa Amorcomtur! Grupo de Estudos em Comunicação, Turismo, Amorosidade e Autopoiese, mas não só. Pesquisadores de diferentes áreas têm procurado as matrizes, para organizar e sistematizar suas pesquisas, como dispositivo de produção e verificação da coerência e lógica interna, simultaneamente. É o caso, por exemplo, de dissertação de Mestrado em Letras, produzida para o Programa de Pós-Graduação em Letras e Cultura, da Universidade de Caxias do Sul, para a qual dei supervisão de texto (STOCKMANS, 2022).

Na Figura a seguir, consta a expressão visual das Matrizes Rizomáticas, com a matriz principal, que se desdobra nas outras, posteriormente.



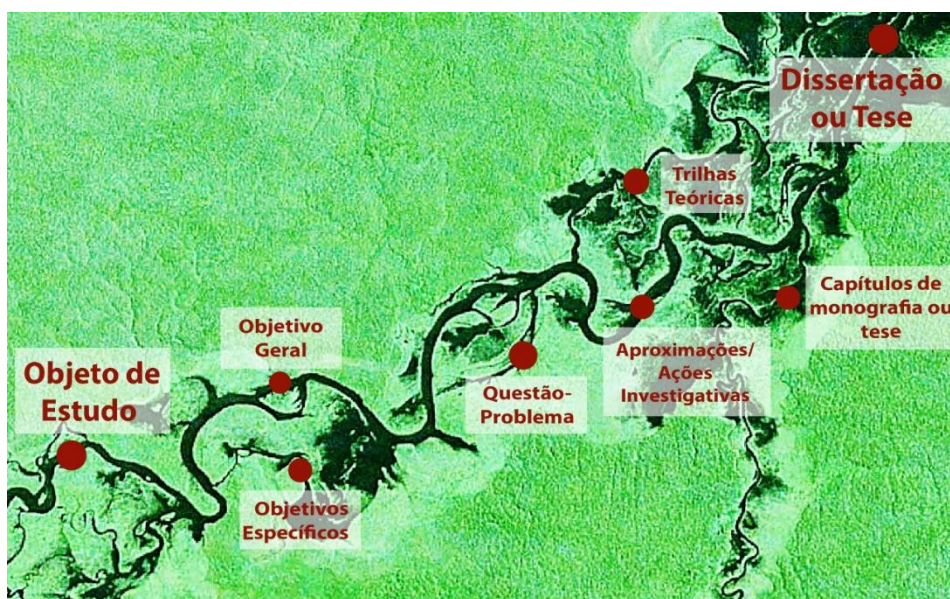
**Figura 1** – Matrizes originais são de 6 de junho de 2017 – sempre em processo!

<b>Matriz 1:</b> Verificação do ‘Equilíbrio Fluente’ da Narrativa da Pesquisa				
Título	Objeto de estudo	Objetivo geral	Objetivos específicos	Questão-Problema?
<b>Matriz 2:</b> Trama das Trilhas Teóricas - Equilíbrio Fluente das Teorias da Pesquisa				
Objetivo geral	Objetivos específicos	Trilhas teóricas	Autores para cada trilha	Capítulos da dissertação/tese
<b>Matriz 3:</b> Trilhas da ‘Viagem em Ação’- Equilíbrio Fluente das Ações Investigativas				
Objetivo geral	Objetivos específicos	Aproximações e ações investigativas	Capítulos da dissertação/tese	

Fonte: Elaborado pelas autoras

A proposta original das Matrizes propunha uma composição com três matrizes, conforme está expresso na próxima figura.

**Figura 2** – Matrizes Originais: os 3 grandes *phylum*



Fonte: Elaborada pelas autoras

Neste texto, apresento a revisão das matrizes, com o desdobramento em mais uma delas. Há também um ajuste nos títulos, com vistas a ampliar a legibilidade de cada matriz e, assim, contribuir para um número maior de pessoas, nas suas práticas operacionais da investigação, e não apenas aos iniciados dos vieses epistemológico-teóricos do Amorcomtur!. A primeira Matriz Rizomática passa a ser denominada: Tramas e Rizomas – Verificação da Coerência da Pesquisa. Esta Matriz está relacionada com a primeira trilha da Cartografia dos Saberes diretamente, porque deriva dos ‘entrelaços nós’ da pesquisa, que são os núcleos de significação

para a composição de cada um dos itens apresentados, a começar pelo foco ou delineamento da pesquisa, com a conseqüente deriva dos demais.

O foco de estudo é, em si, uma trama de significação e uma proposição narrativa rizomática, já que propõe o conhecimento da complexidade de um fenômeno-trama e sinaliza para a narrativa geral da investigação, que é rizomática, derivativa e dissipativa. Sua identificação decorre de trajetória pessoal do pesquisador e se justifica pela importância para outros sujeitos – universos de investigação, grupos de sujeitos e organizações, lugares – localidades, cidades, regiões, países, planeta.

**Quadro 1** – Matriz 1: trama e rizomas. Verificação da coerência da pesquisa

<b>Título</b>	<b>Foco ou Delineamento de Estudo</b>	<b>Objetivo Geral</b>	<b>Questão de Pesquisa</b>	<b>Objetivos Específicos (4 a 5)</b>	<b>Capítulos</b>
Inserir o título	Inserir aqui a frase-síntese, que representa o assunto a ser pesquisado (máximo 3 linhas).	Inserir aqui o Objetivo Geral, que deve ser escrito iniciando com um verbo no infinitivo seguido do foco de estudo.  Atenção máxima para o verbo a ser utilizado, porque ele sinaliza a orientação geral da pesquisa e o modo de investigação.	Inserir aqui a questão de pesquisa, composta de 'engate de pergunta+foco de estudo'.  Atenção para o fato de que esta pergunta não pode ser respondida com 'sim ou não'.  Ela é a grande chave para as considerações finais	Inserir aqui os objetivos específicos.  Devem ser apenas um desdobramento do objetivo geral e da questão de pesquisa.  Não confundir objetivos específicos com procedimentos, com o que precisa ser feito na pesquisa.  Lembre-se que objetivos específicos têm peso de capítulo.  Eles têm correspondência direta com os 'entrelaços nós' da pesquisa. Cada entrelaço nó corresponde a um objetivo específico.  • XXXXXXXX  • XXXXXXXXXXXXXXXX	<b>1. INTRODUÇÃO</b>  <b>2. ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS E PERCURSO DA INVESTIGAÇÃO</b>  <b>3. CAPÍTULO DE DESENVOLVIMENTO</b>  <b>4. CAPÍTULO DE DESENVOLVIMENTO</b>  <b>5. ....</b>  <b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>  [OBS: os capítulos devem ser escritos alinhados aos objetivos específicos respectivos]

Fonte: Elaborado pelas autoras

A próxima Matriz propõe a verificação de correspondência entre os ‘nós’ da pesquisa, os objetivos e os capítulos e subcapítulos.

**Quadro 2** – Matriz 2: detalhamento do rizoma. Relação ‘entrelaços nós’, objetivos, capítulos e subcapítulos

<b>‘Entrelaços Nós’ da Pesquisa</b>	<b>Objetivo Geral</b>	<b>Objetivos Específicos</b>	<b>Capítulos e Subcapítulos</b>
Listar aqui as palavras ou expressões que correspondem aos ‘nós da pesquisa’.	Escrever o objetivo geral.	Escrever aqui os objetivos específicos. Cada ‘nó’ da pesquisa deve corresponder a um objetivo específico.	Escrever aqui, em alinhamento aos objetivos específicos, o sumário do trabalho, com os capítulos e subcapítulos.

Fonte: Elaborado pelas autoras

A próxima Matriz Rizomática aborda as trilhas teórico-conceituais-bibliográficas. As trilhas teóricas são as abordagens gerais, que agrupam autores ou que sinalizam caminhos de pensamento. Ex. Sociologia das ausências, Geografia Humana, Marxismo. Podem estar associadas a conceitos, que são espécie de cristalizações, em uma palavra ou expressão, de núcleos de significação da sua pesquisa, os também chamados ‘nós da pesquisa’, que, porque não existem isoladamente, aqui são também chamados de ‘entrelaços nós’.

**Quadro 3** – Matriz 3: Composição. Trama teórico-conceitual-bibliográfica da pesquisa [Trilha Trama Teórico-Conceitual-Bibliográfica da Cartografia dos Saberes]

<b>Objetivo Geral</b>	<b>Objetivos Específicos</b>	<b>Trilhas Teórico-Conceituais-Bibliográficas</b>	<b>Autores</b>	<b>Capítulos e Subcapítulos</b>
Escrever o Objetivo Geral.	Escrever os objetivos específicos.	Escrever o nome das teorias, conceitos ou palavra-chave do dado bibliográfico, sempre alinhados aos respectivos objetivos específicos.  Nem todos os objetivos são teóricos.  Quando não for, indique apenas com traço.  [-----]	Listar aqui, alinhados, autores relativos às teorias escolhidas ou autores de algum texto que exista sobre esta temática e que compõem a trama bibliográfica encontrada e trabalhada.  Convém lembrar que alguns objetivos, mesmo não sendo teóricos, podem ter autores de textos que subsidiam a discussão. Esses autores vão ser listados aqui, para ajudar a visualizar quem você tem de parceria reflexiva.	Escrever aqui capítulos e subcapítulos alinhados aos demais itens.

Fonte: Elaborado pelas autoras

A próxima Matriz Rizomática é também fundamental. Trata-se da verificação de coerência na dimensão operacional da investigação. Denomina-se Coerência Operacional e Dinâmica da Pesquisa – Capítulos. Corresponde à Trilha Usina de Produção ou Trama dos Fazeres da Cartografia dos Saberes. Na operacionalização da pesquisa, vale lembrar que os procedimentos de investigação são múltiplos sempre, podendo relacionar-se a elementos de materialidade e imaterialidade. Considerando a abordagem complexa, há interações processuais que envolvem níveis sutis e complexos da interação com as fontes.

**Quadro 4** – Matriz 4: coerência operacional e dinâmica da pesquisa. Capítulos [Trilha Usina de Produção ou Trama dos Fazeres da Cartografia dos Saberes]

<b>Objetivos Específicos</b>	<b>Lócus da Pesquisa</b> [Ecossistema/ Universo Investigado]	<b>Fontes de Pesquisa</b> [Lugares, Sujeitos, Materiais, Documentos, Bibliografia]	<b>Aproximações e Ações Investigativas</b> [Procedimentos de Pesquisa – Coleta e Processamento]	<b>Recursos de Apresentação/ Descrição e Tratamento Reflexivo/Análise</b> [Procedimentos e Descrição e Reflexão Analítica]	<b>Capítulos e Subcapítulos</b>
		<p>Apresentar em Tópicos. As Fontes Podem Ser</p> <p><b>LUGARES</b> (cidades, praças, florestas, rios, montanhas, bairros, organizações públicas e privadas etc.)</p> <p><b>SUJEITOS</b> - sujeito pesquisador - sujeitos da pesquisa</p> <p><b>MATERIAIS</b> (fotos, vídeos, sites, blogs, redes sociais, objetos, cartas, narrativas, objetos etc.)</p> <p><b>DOCUMENTOS</b></p> <p><b>EVENTOS</b></p> <p><b>BIBLIOGRAFIA</b></p>	<p>Apresentar em Tópicos e em alinhamento aos tipos de fontes.</p>	<p>Listar, em alinhamento aos itens anteriores, os recursos e estratégias de apresentação dos dados, descrição, narrativa etc., bem como as estratégias de reflexão analítica dos dados.</p>	<p>Listar, em ordem e alinhados, os capítulos e subcapítulos.</p>

Fonte: Elaborado pelas autoras

## Matrizes em Ação

Neste item, apresento um exemplo de Matrizes Rizomáticas preenchidas, como forma de demonstrar o resultado de toda a operacionalização. O preenchimento das matrizes foi feito pela Pesquisadora Mestra em Turismo e Hospitalidade. Para efeitos deste texto, foi feita uma adaptação, com vistas ao caráter didático e para facilitar a visualização do resultado de utilização das novas matrizes rizomáticas (sempre em processo, agora datadas em maio de 2022).

**Quadro 5** – Matriz 1: trama e rizomas. Verificação da coerência da pesquisa

<b>Título</b>	<b>Foco ou Delineamento de Estudo</b>	<b>Objetivo Geral</b>	<b>Questão de Pesquisa</b>	<b>Objetivos Específicos (4 a 5)</b>	<b>Capítulos</b>
‘QUEM NÃO VIVE DO MAR, VIVE DE QUÊ?’ Sinalizadores de ‘Repuxo’ do Turismo em Torres/RS, a partir de ‘com-versações’ com moradores.	Sinalizadores de ‘Repuxo’ do Turismo em Torres/RS, a partir de ‘com-versações’ com moradores.	Propor sinalizadores de ‘Repuxo’ do Turismo em Torres/RS, a partir de ‘com-versações’ com moradores.	Que sinalizadores de ‘Repuxo’ do Turismo em Torres/RS podem ser propostos, a partir de ‘com-versações’ com moradores?	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Apresentar a proposta ‘Repuxo’ do Turismo, em relação aos saberes e fazeres turísticos.</li> <li>• Cartografar Torres em sua dimensão ecossistêmica.</li> <li>• Produzir narrativas sobre Torres, construídas artesanalmente, nas ‘com-versações’ com moradores.</li> <li>• Apresentar sinalizadores de ‘Repuxo’ do Turismo, a partir das narrativas construídas.</li> </ul>	<p><b>1 INTRODUÇÃO: PRIMEIROS REPUXOS</b></p> <p><b>2 (DES)CAMINHOS INVESTIGATIVOS ENTRE A ONDA E O REPUXO</b></p> <p><b>3 'REPUXO' DO TURISMO</b></p> <p><b>4 EM DIREÇÃO A TORRES/RS</b></p> <p><b>5 NARRATIVAS E 'COM-VERSAÇÕES' COM MORADORES DE TORRES/RS</b></p> <p><b>6 'QUEM NÃO VIVE DO MAR, VIVE DE QUÊ?'</b></p> <p><b>7 REFLEXÕES DEPOIS DO ENCONTRO</b></p>

					<b>ENTRE O MAR E O REPUXO</b>
--	--	--	--	--	-------------------------------

Fonte: Elaborado pelas autoras

**Quadro 6** – Matriz 2: detalhamento do rizoma. Relação 'entrelaços nós', objetivos, capítulos e subcapítulos

<b>'Entrelaços Nós' da Pesquisa</b>	<b>Objetivo Geral</b>	<b>Objetivos Específicos</b>	<b>Capítulos e Subcapítulos</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Turismo</li> <li>• 'Repuxo' do Turismo</li> <li>• Torres/RS</li> <li>• Moradores</li> <li>• 'Com-versações'</li> </ul>	Propor sinalizadores de 'Repuxo' do Turismo em Torres/RS, a partir de 'com-versações' com moradores.		1 INTRODUÇÃO: PRIMEIROS REPUXOS 2 <b>(DES)CAMINHOS INVESTIGATIVOS ENTRE A ONDA E O REPUXO</b> 2.1 CARTOGRAFIA DE SABERES 2.2 NARRATIVAS ARTESÂS
		Apresentar a proposta 'Repuxo' do Turismo, em relação aos saberes e fazeres turísticos.	3 <b>'REPUXO' DO TURISMO</b> 3.1 METÁFORA REFLEXIVA 'REPUXO' DO TURISMO 3.2 RESGATE HISTÓRICO SOBRE TURISMO 3.3 TURISMO-TRAMA-ECOSSISTÊMICA
		Cartografar Torres em sua dimensão ecossistêmica.	4 <b>EM DIREÇÃO A TORRES/RS</b> 4.1 FESTIVAL INTERNACIONAL DE BALONISMO
		Produzir narrativas sobre Torres, construídas artesanalmente, nas 'com-versações' com moradores.	5 <b>NARRATIVAS E 'COM-VERSAÇÕES' COM MORADORES DE TORRES/RS</b> 5.1 AMÉLIA - 'NO VAI E VEM DAS MARÉS' 5.2 JOSEFA - 'ENTRE O REPUXO E A ONDA' 5.3 JOÃO - 'APAIXONADO POR TORRES' 5.4 CARLOS - 'MORADOR PASSARINHO' 5.5 ERNESTO - 'HOMEM DA ROÇA' 5.6 DALVA - 'NA TRANQUILIDADE DO REPUXO' 5.7 LURDES - 'MORADORA DAS BEIRADAS' 5.8 MARIA - 'RECONHECER OS MORADORES' 5.9 RITA - 'MORADORA DO PARAÍSO' 5.10 GERALDO - 'ACOLHIDO PELO MAR'
		Apresentar sinalizadores de 'Repuxo' do Turismo, a partir das narrativas construídas.	6 <b>'QUEM NÃO VIVE DO MAR, VIVE DE QUÊ?'</b> 6.1 SINALIZADOR 1: PLANEJAMENTO ECOSSISTÊMICO DO TURISMO 6.2 SINALIZADOR 2: CULTURA DE INTERIOR COMO POTÊNCIA TURÍSTICA DO LUGAR

			6.3 SINALIZADOR 3: CONSTRUÇÕES E (DES)CONSTRUÇÕES HISTÓRICA ARQUITETÔNICA DO LUGAR 6.4 SINALIZADOR 4: CONEXÕES ECOSISTÊMICAS COM MEIO AMBIENTE 6.5 SINALIZADOR 5: ENTRELAÇOS DE AMOROSIDADE DE LUGAR, MORADORES E TURISTAS 6.6 'RESPINGOS' DA ONDA PANDEMIA COVID-19
			<b>7 REFLEXÕES DEPOIS DO ENCONTRO ENTRE O MAR E O REPUXO</b>

Fonte: Elaborado pelas autoras

**Quadro 7 – Matriz 3: Composição. Trama teórico-conceitual-bibliográfica da pesquisa [Trilha Trama Teórico-Conceitual-Bibliográfica da Cartografia dos Saberes]**

Objetivo Geral	Objetivos Específicos	Trilhas Teórico-Conceituais-Bibliográficas	Autores	Capítulos e Subcapítulos
Propor sinalizadores de 'Repuxo' do Turismo em Torres/RS, a partir de 'com-versações' com moradores.	-----	-----	-----	1 INTRODUÇÃO: PRIMEIROS REPUXOS
	-----	Ciência	- Fritjof Capra - Edgar Morin - Roberto Crema - Boaventura de Sousa Santos	<b>2 (DES)CAMINHOS INVESTIGATIVOS ENTRE A ONDA E O REPUXO</b>
		Pesquisa Qualitativa	- Maria Cecília de Souza Minayo - Mirian Goldenberg - Uwe Flick	2.1 CARTOGRAFIA DE SABERES
		Cartografia de Saberes	- Maria Luiza Cardinale Baptista - Suely Rolnik	2.2 NARRATIVAS ARTESÃS 2.2.1 Dimensão Narrativa 2.2.2 Dimensão Artesania
		Narrativas Artesãs	- Jennifer Bauer Eme - Maria Luiza Cardinale Baptista - Cremilda Medina - Ciro Marcondes Filho - Muniz Sodré - Edvaldo Pereira Lima - Boaventura de Sousa Santos - Michel de Certeau - Humberto Maturana	

Apresentar a proposta 'Repuxo' do Turismo, em relação aos saberes e fazeres turísticos.	'Repuxo' do Turismo	- Daniel Brandt Galvão - Gilles Deleuze - Félix Guattari - Maria Luiza Cardinale Baptista - Fritjof Capra - Boaventura de Sousa Santos - Alberto Acosta - Davd Harvey - Eduardo Yázigi	<b>3 'REPUXO' DO TURISMO</b> 3.1 METÁFORA REFLEXIVA 'REPUXO' DO TURISMO  3.2 RESGATE HISTÓRICO SOBRE TURISMO  3.3 TURISMO-TRAMA-ECOSSISTÊMICA
	Resgate Histórico sobre Turismo	- Charlene Del Puerto - José Vicente de Andrade - Mirian Rejowski - Marutschka Martini Moesch - Mara Thomazi - Marc Boyer - Margarita Barretto	
	Turismo-Trama-Ecossistêmica	- Maria Luiza Cardinale Baptista - Marutschka Martini Moesch - Mario Beni - Susana Gastal	
Cartografar Torres em sua dimensão ecossistêmica.	Torres/RS	- Camila Eberhardt - Miriam Falcão - Leonardo Gedeon Flores - Caroline Lumertz da Luz - Ruy Ruben Ruschel	<b>4 EM DIREÇÃO A TORRES/RS</b> 4.1 FESTIVAL INTERNACIONAL DE BALONISMO
Produzir narrativas sobre Torres, construídas artesanalmente, nas 'com-versações' com moradores.	-----	-----	<b>5 NARRATIVAS E 'COM-VERSAÇÕES' COM MORADORES DE TORRES/RS</b> 5.1 AMÉLIA - 'NO VAI E VEM DAS MARÉS' 5.2 JOSEFA - 'ENTRE O REPUXO E A ONDA' 5.3 JOÃO - 'APAIXONADO POR TORRES' 5.4 CARLOS - 'MORADOR PASSARINHO' 5.5 ERNESTO - 'HOMEM DA ROÇA' 5.6 DALVA - 'NA TRANQUILIDADE DO REPUXO'



				5.7 LURDES - ‘MORADORA DAS BEIRADAS’ 5.8 MARIA - ‘RECONHECER OS MORADORES’ 5.9 RITA - ‘MORADORA DO PARAÍSO’ 5.10 GERALDO - ‘ACOLHIDO PELO MAR’
	Apresentar sinalizadores de ‘Repuxo’ do Turismo, a partir das narrativas construídas.	-----	-----	<b>6 ‘QUEM NÃO VIVE DO MAR, VIVE DE QUÊ?’</b> 6.1 SINALIZADOR 1: PLANEJAMENTO ECOSISTÊMICO DO TURISMO 6.2 SINALIZADOR 2: CULTURA DE INTERIOR COMO POTÊNCIA TURÍSTICA DO LUGAR 6.3 SINALIZADOR 3: CONSTRUÇÕES E (DES)CONSTRUÇÕES HISTÓRICA ARQUITETÔNICA DO LUGAR 6.4 SINALIZADOR 4: CONEXÕES ECOSISTÊMICAS COM MEIO AMBIENTE 6.5 SINALIZADOR 5: ENTRELAÇOS DE AMOROSIDADE DE LUGAR, MORADORES E TURISTAS 6.6 ‘RESPINGOS’ DA ONDA PANDEMIA COVID-19
	-----	-----	-----	<b>7 REFLEXÕES DEPOIS DO ENCONTRO ENTRE O MAR E O REPUXO</b>

Fonte: Elaborado pelas autoras

**Quadro 8** – Matriz 4: coerência operacional e dinâmica da pesquisa. Capítulos [Trilha Usina de Produção ou Trama dos Fazeres da Cartografia dos Saberes]

Objetivos Específicos	Lócus da Pesquisa [Ecosistema/ Universo Investigado ]	Fontes de Pesquisa [Lugares, Sujeitos, Materiais, Documentos, Bibliografia]	Aproximações e Ações Investigativas: [Procedimentos de Pesquisa – Coleta e Processamento]	Recursos de Apresentação/Descrição e Tratamento Reflexivo/Análise [Procedimentos e Descrição e Reflexão Analítica]	Capítulos e Subcapítulos
-----	Torres/RS	-----	-----	-----	<b>1 INTRODUÇÃO: PRIMEIROS REPUXOS</b>

<p>Apresentar a proposta 'Repuxo' do Turismo, em relação aos saberes e fazeres turísticos</p>		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Repositórios de teses e dissertações.</li> <li>- Organização Mundial do Turismo.</li> <li>- Ministério do Turismo.</li> <li>- Indexadores de periódicos científicos: Scopus, Periódicos Capes, Scielo.</li> <li>- Bibliotecas virtuais.</li> </ul>	<p><b>Aproximações:</b> leitura e fichamento de textos com posterior 'com-versações' nas reuniões com a orientadora e nos Encontros Caóticos do Amorcomtur!</p> <p><b>Ações:</b> cartografia bibliográfica de material alinhado à pesquisa com análise de título, palavras-chave e resumo, como critério de seleção.</p>	<p>Produção de texto dissertativo sobre a temática.</p>	<p><b>3 'REPUXO' DO TURISMO</b>  3.1 METÁFORA REFLEXIVA 'REPUXO' DO TURISMO  3.2 RESGATE HISTÓRICO SOBRE TURISMO  3.3 TURISMO-TRAMA-ECOSSISTÊMICA</p>
<p>Cartografar Torres/RS em sua dimensão ecossistêmica</p>		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Sujeitos participantes das 'com-versações' da pesquisa.</li> <li>- Repositórios de teses e dissertações.</li> <li>- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.</li> <li>- Ministério do Turismo.</li> <li>- Prefeitura Municipal de Torres/RS</li> <li>- Secretarias Municipais de Torres/RS</li> <li>- Governo do Estado do Rio Grande do Sul</li> <li>- Secretarias Estaduais do Rio Grande do Sul</li> <li>- Fundação de Economia e Estatística do</li> </ul>	<p><b>Aproximações:</b> leitura e fichamento de textos com posterior 'com-versações' nas reuniões com a orientadora e nos Encontros Caóticos do Amorcomtur! . Análise de dados, documentos e informações disponibiliza das por órgãos públicos sobre Torres.</p> <p><b>Ações:</b> revisitação ao município, observação sistêmica com registro em diário de</p>	<p>Textos dissertativos associados a fotos e mapas, com inserção de narrativas, resultantes das 'com-versações'.</p>	<p><b>4 EM DIREÇÃO A TORRES/RS</b>  4.1 FESTIVAL INTERNACIONAL DE BALONISMO</p>

		<p>Rio Grande do Sul</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Conselho Regional de Desenvolvimento Litoral Norte</li> <li>- Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas do Rio Grande do Sul.</li> <li>- Indexadores de periódicos científicos: Scopus, Periódicos Capes, Scielo.</li> <li>- Bibliotecas virtuais.</li> </ul>	<p>pesquisa, produção de mapas e fotografias, resgate de lembranças e produção de texto dissertativo.</p>		
<p>Produzir narrativas sobre Torres/RS, construídas artesanalmente, das ‘conversações’ com moradores</p>		<p>- Sujeitos participantes das ‘conversações’ da pesquisa.</p>	<p><b>Aproximações:</b> conversas informais com moradores e turistas com produção de diário de pesquisa e produção de fotografias sobre o lugar.</p> <p><b>Ações:</b> realização de ‘conversações’ com moradores da cidade. Produção das narrativas, a partir das ‘conversações’.</p>	<p>Texto dissertativo com inserções das ‘narrativas artesanais’, resultantes das ‘conversações’.</p>	<p><b>5 NARRATIVAS E ‘COM-VERSAÇÕES’ COM MORADORES DE TORRES/RS</b></p> <p>5.1 AMÉLIA - ‘NO VAI E VEM DAS MARÉS’</p> <p>5.2 JOSEFA - ‘ENTRE O REPUXO E A ONDA’</p> <p>5.3 JOÃO - ‘APAIXONADO POR TORRES’</p> <p>5.4 CARLOS - ‘MORADOR PASSARINHO’</p> <p>5.5 ERNESTO - ‘HOMEM DA ROÇA’</p> <p>5.6 DALVA - ‘NA TRANQUILIDADE DO REPUXO’</p> <p>5.7 LURDES - ‘MORADORA DAS BEIRADAS’</p> <p>5.8 MARIA - ‘RECONHECER OS MORADORES’</p> <p>5.9 RITA - ‘MORADORA DO PARAÍSO’</p> <p>5.10 GERALDO - ‘ACOLHIDO PELO MAR’</p>

<p>Apresentar sinalizadores de 'Repuxo' do Turismo, a partir das narrativas construídas.</p>		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Sujeitos participantes das 'conversações' da pesquisa.</li> <li>- Repositórios de teses e dissertações.</li> <li>- Indexadores de periódicos científicos: Scopus, Periódicos Capes, Scielo.</li> <li>- Bibliotecas virtuais.</li> <li>- Organização Mundial da Saúde.</li> </ul>	<p><b>Ações:</b> Sistematização dos dados coletados, descrição, produção de texto dissertativo, apresentando 'conversações' entre dados de campo e referencial teórico.</p>	<p>Produção de quadros-sínteses com falas dos moradores e reflexão com as trilhas teórico-conceituais.</p>	<p><b>6 'QUEM NÃO VIVE DO MAR, VIVE DE QUÊ?'</b> 6.1 SINALIZADOR 1: PLANEJAMENTO ECOSISTÊMICO DO TURISMO 6.2 SINALIZADOR 2: CULTURA DE INTERIOR COMO POTÊNCIA TURÍSTICA DO LUGAR 6.3 SINALIZADOR 3: CONSTRUÇÕES E (DES)CONSTRUÇÕES HISTÓRICA ARQUITETÔNICA DO LUGAR 6.4 SINALIZADOR 4: CONEXÕES ECOSISTÊMICAS COM MEIO AMBIENTE 6.5 SINALIZADOR 5: ENTRELAÇOS DE AMOROSIDADE DE LUGAR, MORADORES E TURISTAS 6.6 'RESPINGOS' DA ONDA PANDEMIA COVID-19</p>
<p>-----</p>		<p>-----</p>	<p>-----</p>	<p>-----</p>	<p><b>7 REFLEXÕES DEPOIS DO ENCONTRO ENTRE O MAR E O REPUXO</b></p>

Fonte: Elaborado pelas autoras

### **Devires Rizomáticos Inconclusivos**

Espero ter ficado claro, neste texto, que a lógica que orienta a produção da Ciência em que acredito é processual, dinâmica, derivativa, dissipativa, rizomática, caosmótica, constante, de produção em um presente contínuo, em acoplamento com os múltiplos ecossistemas existenciais de pesquisadores e demais sujeitos envolvidos. Assim, e por isso mesmo, não há desfechos peremptórios, apenas reflexões recursivas, em relação ao que se produziu, com a intenção de sinalizar, em síntese, o percurso até aqui.

Depois de tudo (da vida!) e depois do texto, reitero a intenção de contribuir com pesquisadores, iniciantes ou experientes, no sentido de oferecer aberturas para a imersão poética e técnico-operacional, nas viagens investigativas de seus sonhos, de seus desejos, com a Cartografia dos Saberes. O convite é reconhecer-se como sujeito da pesquisa, autorizar-se a ser autor do próprio texto na vida e na investigação e, ao mesmo tempo, percorrer os caminhos sempre em amorosidade, ou seja, pautado pela ética da relação e do cuidado, com os parceiros de pesquisa, com os lugares e sujeitos todos, o ecossistema e as múltiplas formas de vida, em uma lógica de coexistência multiespécie.

Com as Matrizes Rizomáticas, procuro oferecer recursos para ‘não se perder’, ao menos não mais do que a dimensão natural e construtiva das imersões espontâneas, criativas, em que nos soltamos nos novos percursos, para descobri-los. Chega um momento, no entanto, em que precisamos olhar o trajeto, reconhecer e separar pertences e preciosidades encontradas e construir uma narrativa de viagem que seja uma espécie de ‘síntese encantada de universos em transmutação’, ou seja, o conhecimento produzido na pesquisa. Varela (1992), parceiro de Maturana, nos ensina que conhecimento é ‘enação’, que eu sempre traduzo para conhecimento o que nos põe ‘em ação’. Assim, penso que Cartografia dos Saberes e Matrizes Rizomáticas podem ajudar pesquisadores a estarem ‘em ação’ de novos conhecimentos, de produção de uma Ciência Amorosamente ética para o Novo Mundo, aprendendo, portanto, e auxiliando seres outros a agenciarem também novos modos de ‘sobre-vivência’. Assim, sigo cajuinamente, compreendendo que é possível responder com força, firmeza, poesia e alegria ao questionamento que tem me orientado a vida: “Existirmos, a que será que se destina?”.

Sobre os devires rizomáticos, há de vir o que já está sendo gestado: uma brotação de sequências de detalhamento dos rizomas das matrizes e da operacionalização da Cartografia dos Saberes. Então... até a próxima ‘curva dos rios amazônicos das Matrizes Rizomáticas e da Cartografia dos Saberes’!

## REFERÊNCIAS

- BAPTISTA, M. L. C. Cartografia de saberes na pesquisa em Turismo: proposições metodológicas para uma Ciência em Mutação. **Rosa dos Ventos**, Caxias do Sul, v. 6, n. 3, p. 342-355, 2014. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4735/473547041003.pdf>. Acesso em: 27 abr. 2023.
- BAPTISTA, M. L. C. Rhizomatic Matrices: Proposition of Signals for Transdisciplinary Research in Tourism. In: SINGH, V.; AGNIHOTRI, A. (org.). **New Radical Approach in Interdisciplinary Research**. 1. ed. Delhi, India: Akshita Publishers and Distributors, 2020.
- BAPTISTA, M. L. C. Matrizes rizomáticas: proposição de sinalizadores para a pesquisa em turismo. In: SEMINÁRIO ANPTUR, 14., 2017, Balneário Camboriú. **Anais [...]**. Balneário Camboriú, SC: ANPTUR, 2017.
- BAPTISTA, M. L. C. **O Sujeito da Escrita e a Trama Comunicacional**: um estudo sobre os processos de escrita do jovem adulto, como expressão da trama comunicacional e da subjetividade contemporâneas. Orientador: Mauro Wilton de Sousa. 2000. 600 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2000.
- BARTHES, R. **Fragmentos de um discurso amoroso**. São Paulo: Editora UNESP, 1977.
- BELTRÁN, L. R. **Estado y Perspectivas de la Investigación en Comunicación en America Latina**. Bogotá: Pontificia Universidad Javeriana de la Facultad de Comunicación Social, 1981.
- CAPRA, F. **A teia da vida**: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo: Cultrix, 1997.
- CAPRA, F.; LUISI, P. L. **A visão sistêmica da vida. Uma concepção unificada e suas implicações políticas, sociais e econômicas**. São Paulo: Cultrix, 2014.
- CHOPRA, D. **As Sete Leis Espirituais do Sucesso**. São Paulo: BestSeller, 1994.
- CREMA, R. **Introdução à visão holística**. 5. ed. São Paulo: Summus, 1989.
- D'ÁVILA, X.; MATURANA, H. **El árbol del vivir**. Santiago: MPV Editores, 2015.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.
- GASTAL, S.; MOESCH, M. **Turismo, políticas públicas e cidadania**. São Paulo: Editora Aleph, 2007.
- GOSWAMI, A. **O Universo Autoconsciente**. São Paulo: Editora Aleph, 1993.
- KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LOVELOCK, J. **As Eras de Gaia. A Biografia da Nossa Terra Viva**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1991.

MATURANA, R. H.; VARELA, F. J. **De máquinas e seres vivos: autopoiese e a organização do vivo**. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

MATURANA, R. H. **Emoções e Linguagem na Educação e na Política**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

MOESCH, M. M. **Epistemologia social do turismo**. Orientador: Mário Carlos Beni. 2004. 504 f. Tese (Doutorado em Relações Públicas, Propaganda e Turismo) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2004.

MONTEIRO, G. V.; COLFERAI, S. A. Por uma pesquisa amazônica em Comunicação: provocações para novos olhares. *In*: MALCHER, M.; SEIXAS, N.; LIMA, R.; AMARAL FILHO, O. (ed.). **Comunicação midiaticizada na e da Amazônia**. Belém, PA: FADESP, 2011.

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. São Paulo: Instituto Piaget, 1991.

RESTREPO, L. C. **Direito à ternura**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

ROLNIK, S. **Cartografia Sentimental**. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

SANTOS, B. S. **O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul**. São Paulo: Autêntica, 2019.

STOCKMANS, I. **Muros ou Pontes? Políticas Públicas e Arte na Periferia**. Orientador: Douglas Ceccagno. 2022. 209 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Cultura) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Cultura, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, RS, 2022.

VARELA, F. J. **De Cuerpo Presente. Las Ciencias Cognitivas y la Experiencia Humana**. Barcelona: Editorial Gedisa, 1992.

WERÁ, K. **A terra dos mil povos**. Petrópolis, RJ: Editora Petrópolis, 1998.

### ***CRediT Author Statement***

---

**Reconhecimentos:** Integrantes do Amorcomtur! Grupo de Estudos em Comunicação, Turismo, Amorosidade e Autopoiese (UCS-CNPq). As estratégias metodológicas propostas por Maria Luiza Cardinale Baptista vêm sendo amplamente discutidas e utilizadas no grupo de pesquisa que ela lidera no CNPQ.

**Financiamento:** Não aplicável.

**Conflitos de interesse:** Não há conflitos de interesse.

**Aprovação ética:** Trata-se de um ensaio científico. Não passou por comitê de ética.

**Disponibilidade de dados e material:** Dissertação de Jennifer Bauer Eme, apresentada sinteticamente nas Matrizes Rizomáticas preenchidas, está disponível no site do PPGTURH-UCS, no link <https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/9986>.

**Contribuições dos autores:** Dra. Maria Luiza Cardinale Baptista é autora do ensaio e das proposições estratégicas metodológicas Cartografia dos Saberes e Matrizes Rizomáticas. Ma. Jennifer Bauer Eme contribui com o artigo com as Matrizes Rizomáticas preenchidas, desenvolvidas durante a sua pesquisa de Mestrado em Turismo e Hospitalidade da Universidade de Caxias do Sul.

---

**Processamento e editoração: Editora Ibero-Americana de Educação.**  
Revisão, formatação, normalização e tradução.

